

**DISCURSO DO SENHOR EMBAIXADOR POR OCASIÃO DA MISSA EM HOMENAGEM  
AOS 190 ANOS DAS RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS ENTRE O BRASIL E A SANTA SÉ – 7  
DE SETEMBRO DE 2016**

Sua Eminência Reverendíssima Cardeal Pietro Parolin, Secretário de Estado de Sua Santidade,  
Sua Excelência Reverendíssima Dom Murilo Krieger, primaz do Brasil, arcebispo de Salvador e vice-presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil,  
Sua Excelência Reverendíssima Monsenhor Antoine Camilleri, Subsecretário para as Relações com os Estados,  
Senhor Embaixador Ricardo Neiva Tavares, Embaixador do Brasil junto à República Italiana,  
Senhor Embaixador Marcio Florêncio Nunes Cambraia, Cônsul-geral do Brasil na Itália,  
Senhora Embaixadora Maria Laura da Rocha, Representante do Brasil junto à FAO,  
Colegas Embaixadores,  
Vossa Reverência Padre Geraldo dos Reis Maia, Reitor deste Pontifício Colégio Pio Brasileiro,  
Colegas diplomatas,  
Membros da comunidade brasileira aqui presentes,  
Amigas e amigos,

Em primeiro lugar, gostaria de expressar meu especial agradecimento a Sua Eminência Reverendíssima, cardeal Pietro Parolin, secretário de Estado de Sua Santidade, por ter podido aceitar celebrar esta missa no Colégio Pio Brasileiro. É uma honra para todos nós, Eminência, contar com sua presença aqui hoje.

Estamos reunidos para comemorar uma data muito importante para todos os brasileiros: os 190 anos de relações diplomáticas entre o Brasil e a Santa Sé. Foi no distante dia 23 de janeiro de 1826 que o papa Leão XII recebeu as cartas credenciais de monsenhor Francisco Corrêa Vidigal, como o primeiro representante diplomático do Brasil após o reconhecimento pela Santa Sé da independência, proclamada em 1822. Como se vê, apenas quatro anos se passaram entre o nascimento do Brasil independente e o início das relações com a Santa Sé, o que atesta a relevância da fé católica na formação da nação brasileira.

Desde então, são quase dois séculos de relações ininterruptas, e devo confessar um pequeno sentimento de orgulho ao constatar que são poucos os países que chegaram à marca de 190 anos de um relacionamento frutífero, cordial e contínuo com a sede da Igreja Católica.

A verdade é que, ao falarmos da presença da fé católica na vida brasileira, poderíamos voltar ainda mais atrás, ao tempo em que ali aportaram os primeiros colonizadores portugueses e batizaram aquelas terras desconhecidas e promissoras com o nome de Terra da Santa Cruz. Por isso, constitui motivo de especial satisfação o fato de estarmos celebrando as relações do Brasil com a Santa Sé neste dia 7 de setembro, data em que comemoramos mais um ano da Independência do nosso amado Brasil.

E se a data é particularmente significativa, o mesmo pode-se dizer do local escolhido para celebrá-la. Pois, embora Roma seja a cidade das mais belas igrejas e basílicas do mundo, o Colégio Pio Brasileiro, com sua atmosfera simples e acolhedora, é o lugar onde nos sentimos em casa. Não foi à toa que São João Paulo II, em visita que realizou ao colégio em 1982, chamou-o afetuosamente de “um pedaço do Brasil em Roma”. Como Embaixador do Brasil junto à Santa Sé, tive a satisfação de, há dois anos, participar da festa em homenagem aos 80 anos da fundação desta instituição, construída pela Igreja Católica brasileira, e que se tornou uma referência para os cardeais, bispos e padres brasileiros em trânsito por Roma, ou que aqui se estabelecem a fim de realizar seus estudos.

Foi naquela ocasião, em abril de 2014, que teve início o sonho de um dia erigir um monumento a Nossa Senhora Aparecida nos Jardins do Vaticano, sonho este que se realizou há apenas quatro dias, com a presença de Dom Raymundo Damasceno Assis, arcebispo de Aparecida, e de centenas de peregrinos que vieram do Brasil especialmente para honrar a imagem de nossa padroeira.

Estou certo de que as relações ininterruptas entre o Brasil e a Santa Sé se devem, em grande parte, à proximidade que os religiosos brasileiros sempre tiveram com a alma do nosso povo. Nos momentos mais decisivos da história brasileira, a Igreja, e em particular a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, tem mostrado ser tão plural quanto plural é a sociedade brasileira. Exemplo marcante dessa sintonia entre a Igreja e a população são os temas das “Campanhas da Fraternidade”, anualmente lançadas pela CNBB, e que traduzem as grandes preocupações da vida nacional.

Como sabemos, 2016 foi um ano difícil para o Brasil, um ano em que nossas instituições democráticas foram postas à prova pela crise política e econômica. Obviamente, como todo processo histórico, o

período pelo qual o país está passando só será compreendido em sua totalidade no futuro, quando a análise isenta dos fatos prevalecer sobre as paixões partidárias. Mas, mesmo assim, creio que seja possível afirmar, desde já, que a democracia saiu fortalecida. As instituições do estado brasileiro estão sabendo dar respostas aos desafios enfrentados por uma sociedade que busca superar suas injustiças.

O espírito de realização e superação do povo brasileiro foi testado também nas recentes Olimpíadas no Rio de Janeiro – as primeiras em que houve participação de uma delegação de refugiados. Não obstante todas as dificuldades, constituíram-se os Jogos em momento de união e confraternização, tão bem representado pelas cerimônias de abertura e encerramento. E tenho certeza de que o olhar protetor de Nossa Senhora Aparecida jamais deixou – e jamais deixará – de acompanhar o povo brasileiro em sua caminhada.

E por falar na padroeira do Brasil, recordo que no próximo ano serão celebrados os 300 anos da aparição de sua imagem no Rio Paraíba, ocasião em que esperamos poder contar, mais uma vez, com a presença de nosso amado papa Francisco em solo brasileiro.

Por fim, gostaria de concluir estas breves palavras chamando a atenção para este momento tão especial, em que estamos na casa que é um “pedaço do Brasil em Roma”, na companhia de queridos amigos, reunidos para celebrar a independência do Brasil e seus laços com a Igreja Católica, símbolo da fé em Deus que se confunde com a identidade do povo brasileiro.

Muito obrigado.